

SUPLEMENTO
NUMERISTICO 68

O SEculo

Director: A. CACIO DE PAIVA

Produção de L. DA SILVA ORTEGA, Lda



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

Cunha Fortunio Leal



O domador:

--Estes diabos são peor de domar do que os do Coliseu!



PALESTRA AMENA

Palhaçadas

Já sabem que houve um dia d'estes uma grande pandega em que tomaram parte, como protagonistas, os actores Alves da Cunha, do Ginasio e Nascimento Fernandes, do Apolo e como personagens secundarias outros artistas e pessoas conspicias. Fingiram os dois simpaticos mancebos que se insultavam um ao outro nos jornais, com referencias desagradaveis ao trabalho de cada um (o Nascimento chamou palhaço ao Alves da Cunha, alegando que este tambem lhe tinha chamado palhaço) um jornal publicou-lhes ingenuamente as explicações e os insultos, e as coisas chegaram até o duelo, fingido, com espadas fingidas, padrinhos a fingir, espectadores a fingir, tudo a fingir.

Confessamos que fomos dos «comidos», e não cremos que seja vergonha confessar-lo, porque tinhamos em tanta consideração aqueles dois artistas que os não julgavamos capazes de vir palhaçar para a rua, embora o espectáculo fosse de graça e por isso não mereçam censura de maior.

Nascimento Fernandes é um actor comico, excêntrico ou como lhe queiram chamar e tem talvez desculpa, porque o publico está habituado a rir d'ele, no bom sentido da frase, e depois d'esta farçada não rirá mais nem menos do que já ria; mas Alves da Cunha é artista dramatico, propõe-se a actor de tragedia e esse é que se arrisca muito a que o não tomem a serio quando no palco pretenda comover os espectadores, se estes forem tambem os da fantochada do duelo ou d'ele fenham tido conhecimento.

O pretexto foi o actor Nascimento escrever que Alves da Cunha, quando no ultimo acto da «Garra» saltava para a mesa, praticava uma palhaçada. Ora se d'aqui em diante o publico, n'aquella scena, começar ás gargalhadas, por se lembrar de que ella fóra a aparente origem do pseudo-duelo, em que situação fica, perante a arte, o interprete de Henrique Bataille? Alves da Cunha é o legitimo continuador dos Rosas, vai fazer alguns papeis de Brazão e d'estes colherá exemplos d'uma vida de probidade artistica; «fitas», piruetas ao ar livre, reclamo que para aí chamam á americana, porque os americanos estão longe e não protestam, é que se não encontram nos muitos anos de teatro d'aquelles artistas, que foram grandes porque o souberam ser, porque nunca se amesquinham no teatro ou fóra d'ele.

D'este modo é licito desconfiar de outros actos praticados, ou a praticar, por artistas teatraes modernos, que se tem tomado a serio. Querem ver que uma circular a pedir colaboração para o numero unico duma folha dedicada ao professor de indumentaria Castelo Branco, com a recommendação de se escrever acerca da influencia d'este senhor na

arte dramatica, especialmente no que respeita ao «Burro em pé», não passava d'uma partida carnavalesca, pois que o pedido era feito por Nascimento Fernandes? Querem ver que as afirmações de que Alves da Cunha vai interpretar o «Oteló» e outras personagens de Shakespeare não passam d'uma chuchadeira para disfrutar o proximo? Todas as suposições são licitas quando se trate, já agora, de artistas modernos, em especial d'estes dois, vindo que o publico esteja sempre de pé atraz quando se trata d'eles.

Fiquemos por aqui, não sem avisarmos o leitor de que esta «Palestra» não é, como alguém julgaria á primeira vista, uma censura á pantomime do duelo Nascimento—Cunha: é, como aquele foi, uma parodia.

J. Neutral.

Mais barafundas

Agora é que lhes damos a nossa palavra de honra que não sabemos como havemos de escrever esta linda lingua portugueza, que tantas voltas tem levado desde que nasceu até hoje.

Ensinaram-nos que vinha do grego, do latim, do celta, do arabe, etc., e meteram-nos na cabeça que haviamos de conservar nas formas graficas uns restos das origens—quanto ao grego e ao latim, já se sabe. Depois, alguns illustres maduros, como o nosso Garrett, complicaram a coisa, duplicando letras semeando «hh», «yy», etc. Depois voltou tudo á normalidade. Em seguida veio uma simplificação racional, pela qual a linguagem escrita não perdeu o seu character e não engeitou de toda a etimologia, e toda a gente estava satisfeita, porque, enfim, acabavam as letras dobradas, o «i» grego era devolvido á Grécia, e outras reformas tinham apparecido que não eram tolas de todo.



Pois, sim, mas foi sol de pouca dura. Como os acentos, n'essa mesma simplificação era a unica coisa que atrapalhava uma pessoa, que se via o perros para saber quando tinha de pôr o grave ou o agudo, eis que uns sabios, vindo a estada do Julio Dantas no poder, aproveitam a ocasião em que elle fazia distraidamente um soneto e zapanham-lhe a assiuatura, para introduzir o tre-

ma e aumentar a trapalhada dos acentos, sob o pretexto de evitar confusões! Pois sim: nós não nos importamos, porque não fazemos caso nenhum de durezas e havemos de escrever como muito bem quizermos, visto que temos tanta auctoridade no assunto como os reformadores; mas quem lamentamos são os desgraçados petizes, que na instrução primaria vão ficar chumbados, lá porque não souberem se em «frequente», por exemplo, o «u» deve ter acento grave, agudo, trema ou qualquer outra sinalefa...

Por sinal que já ouvimos dizer a um miúdo que na sua opinião, «frequente» nunca deve ter o «qu» accentuado, porque seria pôr um acento n'outro acento...

E viva a pandega!

Praticos como os ingleses é que não ha: precisavam de azote, porque os alimentos que o contem escasseiam lá como cá? Nada mais simples. Foram-se ao ar e, segundo contam as gazetas, arranjaram um meio de aproveitar o que n'ele se acha misturado com o oxigenio e outras miudezas que constituem a atmosfera terrestre.

Mas o melhor—é é isso que as ga-



zetas não dizem, porque são umas ignorantonas—é que os mestres bifos mataram d'esta forma dois coelhos, o primeiro dos quais é alimentarem-se e o segundo é passarem a ser joviaes, elle que até aqui eram as pessoas mais carrancudas do mundo.

Não percebem, seus quimicos d'uma figa? Então lá vai a explicação: o oxigenio é o gaz hilariante, o que deu ensejo ao celebre Julio Verne para escrever o seu «doutor Ox»; é um gaz que faz rir a bandeiras despregadas, e como onde ha muito riso ha pouco siso, a natureza, que é mãe e que não quer ter filhos malucos, temperou o oxigenio do ar, com azote, que produz efeitos contrarios ao seu companheiro gazoso. Vae d'ái os ingleses passam a respirar oxigenio livre de azote, não completamente, para não morrerem a rir, como Maria Rita, mas o bastante para deixarem de ser os semsaborões que todos nós conhecemos.

Os efeitos estão-se já produzindo. Pois que a isto de nos prolongarem o prazo para pagarmos a divida de guerra, senão um resultado de demasiada absorção de gaz hilariante?



O documento diplomatico

(Numero para uma revista teatral)

ACTO 2.º

SENA 5.ª

(N'uma rua. Encontram-se sujeitos, e impõem silencio uns aos outros).

CORO

Sabem a nova do dia?
E' um caso sintomatico.
Quem é que revelaria
O documento diplomatico?

Uma joven (d'uma janela)

O' homem que paraste,
Pst! pst! O' simpatico!
Fostes tu que roubaste
O documento diplomatico?



O Antonio Cabreira

Eu que sei tudo e sou
Um grande matematico
Ignoro quem roubou
O documento diplomatico!

O Brito Camacho

Não vou para Moçambique
Sem que algum policia pratico
O ladrão á gente indique
Do documento diplomatico.

O Julio Dantas

Ando a fazer um drama
No genero burocratico
Que se chama
'O documento diplomatico'.

O Afonso Costa

Se não me querem asente
Do partido democratico
Hão-de dizer primeiramente
Quem foi o ladrão indecente
Do documento diplomatico.

CORO

Desde Melgaço até Faro
Todo o povo anda lunatico
Com este caso tão raro
Do documento diplomatico!

Mutaçào.

EM FOCO

Virginia Vitorino



Genstis sonetos! Quanto sentimento!
Amór... amór... a primavera... os ninhos...
Ceu sem nuvens... perfumes e carinhos...
De vez em quando um tímido lamento...

E em tudo o colorido do talento,
A mocidade a rir pelos caminhos,
Colhendo, sem roçar pelos espinhos,
As rosas orvalhadas do relento...

Menina e moça, caminhaís seguindo,
Como n'um conto de bondosa fada,
Ue colibri dourado, em plena aurora.

Quele vos leve onde em palacio lindo
Encontreis companheiros de jornada
Que vá convosco pela vida fóra...

BELMIRO

Vencido!

Os senhores são testemunhas de que aqui desejámos que o nosso estimavel colega e bom amigo Gabriel de d'Annunzio se sáisse bem da empresa em que se metera, isto é, que vencesse a Italia e quaisquer outros países que, por ventura, lhe quizessem tirar Fiume! Mais ainda: ajudámo-lo nas mesma empresa, senão fisicamente — porque d'aqui até Fiume é um estirão e as viagens estão caras como burro, — pelo menos moralmente. Pois bem: agora que ele se declarou vencido, que vai safar-se de Fiume em aeroplano, como soem em Li' boa transpor os espaços, de 1.º quadro para o 2.º, os «compères» das revistas teatraes, não se nos leve a mal que censuremos o dito Gabriel e o tratemos com pouco respeito, porque terminou em prosa a sua aventura.

«Não vale a pena morrer pela Italia» disse ele, ao que parece. Não va-



lerá, mas um poeta d'aquella categoria não atira assim, em reles prosa, uma frase á prosteridade. Devia te-la dito em verso, para o que podia ter escolhido os seguintes modelos:

1.º

Italia amena
Vou-me d'aqui;
Não vale a pena
Morrer por ti.

2.º

Vou-me embora, Italia amiga.
Não perco por ti a vida
E faço-te, á despedida...
Uma figa.

3.º

Vou-me raspar, enfim, d'aeroplano,
Para onde não sei, nem até quando,
Mas para ti, ó povo italiano,
Estou-me marimbando!

Os casos de Barcelona

Ainda ninguém explicou satisfatoriamente as causas das falencias dos Bancos de Barcelona, quando Espanha está a abarrotar de ouro...

Ora pois, trata-se da costumada inveja dos nossos vizinhos. Ouviram falar na pseudo-falencia da casa Tota, quizeram provar-nos que lá sabem fazer mais e melhor e faliram a serio.

Não nos podem ver uma camisa lavada, aqueles diabos!

Livros, livrinhos e livrecos

Filigrana—E' um livrinho de versos do sr. Antonio Bourbon—livrinho pela forma, que não pelo que encerra. São quadras com originalidade, com beleza, muitas d'elas, embora por vezes d'uma independencia de metrificacão com que os respeitadores do classicismo estarão em desacordo.

Exemplos, em quadras de versos de dez silabas, os seguintes:

As minhas luvas são como adolescentes
Princesas doentes vendo um lago.

Na bizantina alhambra da Cerula.

As nuvens são luminuras e ritos.

Multicóres tem aspectos cheios.

Alucinações de pedrarias; é a herá.

Levanto os olhos a dentro em mim e vejo.

Etc.

O progresso



O novo-rico, para a mulher:

— *E' pena não saberes escrever!*

Ela:

— *Ora essa! Nem é preciso. Traz-me uma mânica de escrever e os pois ninguém sabe se sou eu que escrevo ou se é a mânica!*